

Centro Ruth Cardoso
Ciclo Juventudes
Comitê Política e Juventudes
Movimentos de renovação política – Reunião 1

A partir de um processo de redesenho de seus propósitos e linhas de ação, o Centro Ruth Cardoso (CRC), abarcado pela Fundação Fernando Henrique Cardoso, passa a investir na consolidação de seu papel como um polo de geração e disseminação de conhecimento. Para tal, o CRC reuniu pessoas atuantes na academia, em movimentos sociais e nas diferentes linguagens artísticas para pensar temas contemporâneos, produzindo materiais que sistematizem e compartilhem as análises e reflexões geradas nesses encontros. A temática a ser explorada no primeiro ciclo é Juventudes, dividida em três vertentes: atuação política, construção de identidade e sociabilidades.

Este documento registra e organiza o conteúdo principal do debate Movimentos de renovação política – parte 1, realizado em 04 de outubro de 2021, no âmbito do Comitê Política e Juventudes.

Pessoas que pesquisam o tema interessadas em ter acesso ao registro audiovisual completo do debate podem entrar em contato pelo e-mail: crc@centroruthcardoso.org.br.

CONVIDADOS

- **GABRIEL AZEVEDO:** é professor do RenovaBR e vereador em Belo Horizonte (MG), atualmente sem filiação partidária, cumprindo seu segundo mandato no cargo. Foi subsecretário de Estado da Juventude em Minas Gerais;
- **KARIN VERVUURT:** é pesquisadora, sócia-fundadora da empresa de pesquisa Methods, cofundadora e diretora-presidente da ONG Elas no Poder, que atua na capacitação e mentoria de candidatas mulheres;
- **LUCAS BRANDÃO** (mediação): foi assessor do plenário de dois líderes da REDE Sustentabilidade na Câmara dos Deputados e chefiou o gabinete da liderança do partido no Senado. É coordenador legislativo e jurídico do senador Randolfe Rodrigues (REDE). É membro da Rede de Parceiros do CRC.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

- A que se propõem os movimentos de formação e renovação política?
- Como esses movimentos atraem os jovens?

- Quais caminhos e estratégias têm se mostrado eficazes no trabalho de formação política das juventudes?
- Quais conteúdos são abordados por essas novas iniciativas de formação e renovação política, em especial no que se refere à construção de projetos de país mais abrangentes?
- De que forma a aprendizagem da democracia tem sido tratada nesses espaços de formação?
- Qual a linha tênue que separa a capacitação eleitoral de uma formação política mais sólida, capaz de promover um olhar crítico sobre a democracia e a participação das juventudes no processo político?
- Como se dá a relação entre os movimentos de renovação e os partidos políticos?
- Em que medida o discurso da “renovação” tem sido utilizado mais como ferramenta de marketing político do que como indicativo de práticas e lideranças verdadeiramente novas?
- O que os convidados destacariam em termos de inovação na formação política das novas gerações de cidadãos e candidatos eleitorais?

DEBATE

ENGAJAMENTO POLÍTICO DAS JUVENTUDES: UM BREVE PANORAMA

- O que faz uma pessoa jovem querer se engajar politicamente?
 - Desejo de participar da gestão do ambiente em que se está inserido, seja a escola, a faculdade, o grupo religioso, o bairro etc.;
 - Dois caminhos principais para a participação política: de um lado, a mobilização cívica; de outro, a disputa de eleições.
- Ambiente educacional como porta de entrada relevante para o engajamento jovem;
 - Perigo de instrumentalização dos espaços estudantis por partidos políticos.

"As primeiras atividades políticas que eu tive e que observei muita gente ter foram na escola. Disputar uma eleição de grêmio, organizar um festival, convidar a uma palestra, enfim, aquele é seu primeiro ambiente de relacionamento e, portanto, de tentativa de participação. E os partidos políticos, sobretudo na década de 1990 e início dos anos 2000, utilizavam muito esses ambientes para capturar militância." – GABRIEL AZEVEDO

- Manifestações de junho de 2013 como um marco recente na participação política das juventudes;

- Jornadas de Junho como etapa de um percurso histórico mais longo que inclui: a mobilização jovem durante a ditadura militar; as Diretas Já, nos anos 1980; e o *impeachment* de Fernando Collor, nos anos 1990;
- “Não queremos o que está aí”: em 2013, juventudes se identificaram com um processo de substituição dos atores e dinâmicas da política institucional, sem terem, no entanto, a educação democrática e a construção política necessárias para trilhar caminhos construtivos.

“2013 foi aquele grande swarming social brasileiro que de certa forma encharcou a nossa sociedade de alguns sentimentos e motivou parcelas das juventudes a fazer alguma coisa. Você tinha ali uma condição interessante, um grande movimento para o civismo no Brasil se materializar em ação concreta a favor da sociedade. Eu acho que aquilo ‘flopou’, porque foi de certa forma capturado por alguns movimentos mais agressivos, os partidos tentaram se apropriar e também não conseguiram, e 2013 deixou um substrato de destruição, a meu ver.” – GABRIEL AZEVEDO

- Juventudes em partidos políticos: massa de manobra ou agentes de transformação?
 - “O maior risco que um jovem sofre é fazer parte de uma juventude partidária”: de um lado, via de regra, partidos inserem os jovens em uma lógica de brigas políticas e de disputas de poder que pouco tem a ver com a construção de políticas públicas e debates sobre o bem comum;
 - “De fato, não existe espaço nos partidos, mas então eu vou desistir?": de outro lado, diante do papel central que os partidos ocupam no atual modelo de democracia representativa brasileira, não se pode abrir mão de estar presente nesses ambientes;
 - Ponto de reflexão: enquanto estruturas marcadas pela falta de democracia interna, com a centralização das tomadas de decisão em poucos dirigentes, os partidos políticos estão de fato dispostos a construir um espaço de inovação, protagonismo e autonomia para as juventudes?

“Hoje, se tem um lugar que eu recomendo que o jovem não vá é para o partido, porque ali ele vai aprender a fazer um jogo muito brutal de disputa de poder, ele é estimulado a escolher lados, a virar servo de algum político, a se enfrentar com outra juventude, e eu não vejo nenhum [partido] onde isso não aconteça, desde o partido mais velho ao mais novo. Então, esse é o primeiro cuidado que, na minha opinião, as juventudes precisam ter: não se deixarem ser massa de manobra para auxiliar os velhos a não renovarem nada, tendo uma falsa sensação de participação quando, na verdade, viram apenas militância.”
– GABRIEL AZEVEDO

“Não existe uma mudança democrática – pelo menos no sistema político eleitoral em que a gente vive – que não passe pelos partidos, porque eles são a base sólida que vai construir todo o resto dali para frente. O financiamento sai dali, [a decisão sobre] se você vai competir ou não [em eleições] sai dali. Então, a gente [da Elas no Poder] fala para as

mulheres e, principalmente, para a juventude: vocês precisam entrar nos partidos. Vocês precisam ocupá-los. Vocês precisam mudar as práticas partidárias ali de dentro e, para fazer isso, só ocupando as cadeiras. As mulheres precisam estar nas direções partidárias, porque é lá onde as grandes decisões são tomadas. E hoje talvez a maior barreira de entrada de mulheres na política e de uma competição mais justa eleitoralmente esteja dentro dos partidos. Existe, sim, uma massa de manobra, principalmente jovem, da qual os partidos fazem uso, mas há como você entrar naquele meio de forma consciente e se articular para causar diferenças, trazer novas práticas e inovação.” – KARIN VERVUURT

“Por trás dessa discordância amigável entre os convidados sobre qual é o papel dos partidos políticos está [o debate sobre] o que é a democracia hoje, quais seus principais problemas, como ela pode ser renovada e se os partidos são ou não um instrumento disso. Seriam os partidos os inimigos da renovação e da intensificação da democracia ou eles ainda são instrumentos [para tal] e estão em disputa?” – LUCAS BRANDÃO

“Os partidos tiveram uma origem que, em geral, não é muito identificada, uma origem negativa e, até certo ponto, maligna. As sinomosias, ou etairias, que os oligarcas da aristocracia fundiária usaram para dar os dois primeiros golpes da história contra a democracia – um em 411 [a.C.], outro em 404 [a.C.] –, elas atuaram como partidos. Eram organizações de banditismo social, vamos dizer assim, e às vezes até criminal. E já continham certa contradição que hoje, em termos modernos, poderia ser colocada da seguinte forma: os partidos são organizações privadas, e assim devem ser. Agora, como é que a luta entre algumas organizações privadas vai gerar um sentido público? Esse é um problema que não está resolvido do ponto de vista teórico. E é uma luta, cá entre nós, pelo butim. Então, eu sou de um partido, eu entro no Estado e começo a interferir na destinação de recursos que são públicos. Lá, eu sou um agente público ou, enquanto estou ligado à minha organização privada partidária, eu sou um agente privado? É impossível cortar essa conexão. Como houve um deslizamento do funcionamento do mercado para a política, o cara diz: ‘A competição é ótima, porque ela vai garantir que ninguém será dono’. Mas quando o número de atores é muito pequeno, é impossível você fazer isso. De sorte que os partidos, embora tenham cumprido um papel fundamental e, até certo ponto, insubstituível na democracia representativa, carregam consigo uma contradição que é incontornável se não houver inovação política.” – AUGUSTO DE FRANCO

- Importância da formação política das juventudes:
 - Jovens estão muito associados à inovação e à criatividade, mas é preciso partir de uma base para poder inovar;
 - “Hoje, poucas coisas duram mais do que 24 horas”: aglutinação das juventudes em torno de causas pontuais e diluídas, principalmente por meio das redes sociais, sem a criação de grupos coesos.

"O que me preocupa é o bem público. Que conteúdo é esse do bem público? Qual projeto eu estou vendendo? Eu sinto que as pautas estão muito territorializadas, pontuais. Eu me junto em cima de uma causa específica. Isso me incomoda um pouco." – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

"O que é o bem público? Ele muda de acordo com a perspectiva e a ideologia da pessoa. O bem público de uma pessoa de esquerda e o de uma pessoa de direita são completamente diferentes. E a política é esse embate de ideias entre o que eu acredito e o que outra pessoa acredita ser o bem público. Essa discussão é complexa, e é por isso que trabalhamos com candidatas que têm visões bastante amplas em relação ao que elas acreditam que precisa melhorar. É isso que enriquece o debate, na minha opinião." – KARIN VERVUURT

NOVOS CAMINHOS: INICIATIVAS CÍVICAS DE FORMAÇÃO E RENOVAÇÃO POLÍTICA

- Manifestações de junho de 2013 como cruciais para o surgimento de diversas iniciativas de formação e renovação política;
 - Diante do afastamento das juventudes em relação aos partidos políticos, iniciativas buscaram ocupar um vácuo deixado inclusive pelas fundações e institutos partidários, que deveriam se dedicar à tarefa formativa.
- Multiplicidade das iniciativas cívicas em termos das agendas e estratégias adotadas;
 - Elas no Poder: organização da sociedade civil dedicada à formação política de mulheres que desejam concorrer a eleições, visando levar diversidade a partidos políticos, Congresso Nacional e demais espaços de poder – ainda marcados por uma hegemonia branca, masculina, heterossexual e religiosa. Além das formações e do desenvolvimento de estratégias para campanhas eleitorais de mulheres, há a plataforma Im.pulsa, com conteúdo gratuito sobre como entrar em um partido político, quais os tipos de financiamento de campanha, autocuidado etc.;
 - RenovaBR: escola de formação política para pessoas que nunca disputaram eleições e gostariam de concorrer a um cargo eletivo. As aulas versam sobre temas de estratégia política e embasamento teórico, como modelos de Estado, políticas públicas baseadas em evidências e construção de campanhas eleitorais;
 - Outros exemplos: Acredito; Agora; Livres; Rede de Ação Política pela Sustentabilidade (RAPS).

"A história da Elas [no Poder] se confunde muito com a minha própria entrada enquanto jovem na vida política. Eu tinha terminado o mestrado, me especializei em comportamento eleitoral e psicologia política, e queria trabalhar com campanhas eleitorais. E você entrar nesse meio enquanto uma mulher jovem é muito complexo. Ao longo do tempo, percebi que a grande barreira de entrada para o jovem e, principalmente,

para a mulher na política é que todo o conceito de campanha eleitoral é construído e trabalhado para um homem branco e rico fazer a campanha. Eu participava de cursos com grandes marqueteiros no Brasil, e dificilmente uma mulher, em especial uma mulher jovem, conseguiria construir uma campanha dentro dos parâmetros que esses professores passam. Você não vê em um curso como lidar com violência política de gênero ou como lidar com filhos, por exemplo. Eu trabalhava em campanhas de mulheres jovens de 20 e poucos anos, e não via essas campanhas representadas nos cursos.” – KARIN VERVUURT

- “Convivência de diferentes por causas comuns”: em termos gerais, as iniciativas compartilham a intenção de construir um ambiente de conversa política, buscando fugir à excessiva polarização política no Brasil;
 - Como resultado, experiências sofrem críticas tanto da direita quanto da esquerda.

“Essas turmas, esses movimentos, essas instituições são todos jogados numa vala comum que precisa ser combatida. Porque tudo aquilo que não está de um lado nem de outro sofre a pancada. O RenovaBR, por exemplo, tomou uma pancada enorme de movimentos ou de pessoas mais à esquerda porque, claro, ‘é financiado pelos globalistas, pelos homens ricos da [avenida Brigadeiro] Faria Lima, e ali só tem gente de direita que quer fazer com que a [deputada federal] Tabata [Amaral] vote a favor da [reforma da] Previdência’. E do mesmo jeito o RenovaBR é bombardeado à direita porque ‘todo mundo ali é comunista, socialista’, sei lá mais o que puderem chamar. Em geral, esses movimentos estão sofrendo um ataque muito brutal.” – GABRIEL AZEVEDO

- Movimentos de renovação x partidos políticos: relação costuma ser marcada por conflitos e tensões, seja pela disputa de poder, seja por episódios de “infidelidade” de mandatários provenientes dessas iniciativas que, uma vez eleitos, não seguem as diretrizes partidárias nas votações em plenário;
 - Há, porém, siglas mais abertas, como o Cidadania, que possui uma cláusula específica para garantir independência a candidatos advindos desses grupos.
- Pontos de reflexão: nomes relevantes do atual cenário político que passaram por essas iniciativas, como Tabata Amaral, Alessandro Vieira e Renan Ferreira, conseguiram se eleger e hoje exercem mandatos. O que eles têm trazido de novo? Como lidam com os dilemas da *realpolitik*?

“NÃO ADIANTA RENOVAR APENAS”: RENOVAÇÃO x INOVAÇÃO

- O que significa, de fato, “renovar”?
 - “Se 80% de uma Câmara de Vereadores exerce mandato desde 1988, algo está errado”: renovação é positiva quando evita a concentração de poder em determinados personagens políticos e atualiza regras obsoletas;

- "A política foi inventada em 509 a.C. Se existe uma coisa que ela não é, é nova": quando não se refletem em inovações democráticas reais, discursos de "renovação" e "nova política" acabam por se resumir a uma estratégia de marketing político.

"Ao exercerem o poder de uma maneira mais solitária e menos coletiva, geralmente essas pessoas [eleitas com um discurso de renovação] não vão ter muita capacidade de ação. Se elas se vendem como um produto que é diferente de todos os outros, elas chegam no ambiente político e são rapidamente envolvidas numa bolha. Não vão conseguir articular, não vão conseguir conversar, não vão conseguir tratar dos assuntos com os outros porque tratam esses outros como um inimigo a ser destruído." – GABRIEL AZEVEDO

"Eu vejo muito problema na narrativa de 'renovação' e 'nova política', inclusive acredito que isso nos ajudou a chegar no ponto em que estamos – tanto que [Jair] Bolsonaro navegou bastante nessa narrativa do 'cara de fora', com 'práticas novas', mesmo sendo político há 30 anos e tendo todos os filhos na política. A gente [na Elas no Poder] não é uma organização de renovação, nesse sentido. Essa é uma palavra que não existe no nosso vocabulário de maneira nenhuma. Mas, de certa forma, a gente é, sim, uma organização que traz renovação, no sentido de quebra de hegemonia dentro do Congresso e dos espaços de poder. A gente acredita que levando pessoas com experiências diversas, que vêm de lugares diversos da sociedade, a renovação de práticas, por si só, vai acontecer. A partir do momento em que temos espaços mais heterogêneos, necessariamente vão ter que acontecer mudanças de comportamento, de atitude, mudanças na maneira de fazer política." – KARIN VERVUURT

- Ponto de reflexão: em que medida a substituição dos atores é suficiente para promover a substituição das práticas políticas?

"A ideia de que você vai renovar a política colocando sangue novo não entende que o comportamento não depende das características intrínsecas do agente, mas sim da configuração do ambiente onde ele está. Aquele ambiente está configurado de tal maneira que, se você colocar lá um cara novo, ele vai continuar sendo novo só por um período. Logo ele será envelhecido pela dinâmica, pelo dia a dia. Não tem como. A renovação, por essas vias que estamos adotando, é muito pequena e pode ser usada apenas como marketing. Acaba repetindo os mesmos comportamentos, porque você não mudou a configuração dos ambientes. O sistema é resiliente, esse é o problema. Você não muda assim, 'de grão em grão, a galinha enche o papo'. Isso coloca um desafio para todos nós." – AUGUSTO DE FRANCO

"A ideia é você entrar [no Congresso], ocupar aquele espaço e mudar as práticas internas a partir da sua participação. É disso que estamos falando. Se a gente partir do pressuposto de que não adianta entrar porque as práticas tradicionais jamais serão mudadas, então não adianta nada do que a gente está fazendo. Melhor fechar tudo e deixar que os homens brancos continuem ditando as regras democráticas em que a gente vive. E a mesma lógica se aplica aos partidos. Hoje não tem espaço lá dentro, não é simples. E

quando a gente fala de trazer pessoas novas e mudar as práticas partidárias, estamos falando de tirar quem está lá, porque para você colocar mais mulheres, necessariamente homens terão que sair. Não é um processo fácil, como também não é um processo fácil dentro do Congresso, mas eu acredito que tenha que ser feito.” – KARIN VERVERUURT

O QUE ESPERAR DO FUTURO?

- Três pontos de atenção para a formação política das juventudes em médio prazo:
 - Redes sociais: de que maneira a Internet e as plataformas – cujos próprios algoritmos estimulam a polarização – influenciarão a formação e o comportamento político dos jovens, que se informam e interagem majoritariamente nesses ambientes? Como figuras políticas podem construir uma presença *on-line* que não seja pautada em polêmicas para ter engajamento?
 - Religião: qual será o papel da religião nos processos formativos das juventudes, principalmente diante da constatação de que as igrejas fazem um trabalho de base que outros movimentos, organizações e partidos não têm conseguido fazer? Em um contexto de crescente influência das bancadas religiosas, quais serão os termos do entrelaçamento entre religião e as instituições políticas brasileiras?
 - Pautas identitárias: se, de um lado, é preciso garantir a participação de todos os grupos sociais na democracia, de outro, como evitar que as pautas de identidade sexual, gênero, raça sejam canalizadas para novos processos de hegemonia?
 - Ponto de preocupação: não se vê o debate de soluções efetivas para lidar com esses aspectos – em especial, os dois primeiros.

“Eu estou como vereador em um mandato coletivo, em Alto Paraíso de Goiás. Recentemente, eles [a maioria dos vereadores] passaram um feriado chamado Dia do Evangélico, e só a gente ficou contra. Tentamos trazer para um Dia da Diversidade Religiosa, mas basicamente fomos tratorados. Eu não tinha nenhuma experiência em política profissional, e eu fico pasmado. É uma mistura tão grande nesse rincão de interior do país, dá uma boa ideia de como esse negócio está feio. E está no Regimento Interno da Câmara que você tem que abrir os trabalhos louvando a Deus.” – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

“Também está no Regimento Interno da Câmara [de Vereadores de Belo Horizonte] que a sessão comece com a leitura de um versículo da Bíblia. Se eu for protocolar um projeto de resolução para tirar isso, eu sei que eu vou perder, porque não tem voto. E, pior, eu vou criar uma animosidade política que vai me impedir de fazer todo o restante de coisas essenciais para a cidade – mobilidade, saúde etc. A gente tem que ter uma inteligência na escolha das brigas, senão a gente retroalimenta o processo.” – GABRIEL AZEVEDO

"[Em relação às pautas identitárias,] a questão da formação política não pode vir pelo ativismo, senão ela vira militância. E aí, acabou a política." – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

"Existe um equilíbrio entre até onde você dá uma formação política e até onde é importante que haja a militância também, uma experiência vinda de movimentos. A instrumentalização dos movimentos acontece com alguma frequência, mas existe uma vivência ali que você não pode chegar de cima para baixo e falar: 'Você tem que pensar assim, a sua maneira de fazer política tem que ser essa'. A formação tem um limite, ela vai até um ponto. Existe um balanço entre a formação que você dá e a vivência da pessoa, a experiência que ela mesma vai levar para dentro da política." – KARIN VERVUURT

- "A democracia foi a maior inovação política que surgiu": é preciso pensar regras inovadoras para o jogo político e partidário;
 - Grande parte das mudanças recentes adotadas pelos partidos visando à diversidade não resulta de iniciativas espontâneas dessas instituições, mas sim de exigências do Tribunal Superior Eleitoral (TSE);
 - Necessidade de reformas política e partidária que considerem, por exemplo: a democratização da distribuição dos fundos eleitoral e partidário; o voto facultativo; o voto distrital misto; a possibilidade de candidaturas avulsas ou independentes;
 - Pontos de reflexão: de que modo esses mecanismos inovadores se dariam na prática, dentro da realidade do presidencialismo de coalizão brasileiro? Como esperar a realização de reformas por parte dos próprios atores que serão diretamente afetados por elas – ou seja, os parlamentares e a classe política como um todo?

"Foi uma alegria ser vereador sem partido, porque eu provei para todo mundo que você consegue ser vereador como qualquer outro na Câmara. Não ter um partido não te atrapalha. Aí, em 2020, foi mais complicado. Se eu fosse para um determinado partido, me elegeria sozinho. Se eu fosse para o Patriota, para onde fui, eu me elegeria junto com dois aliados. Fizemos isso, e eu fiz um acordo no partido para que eu fosse expulso assim que tivesse motivo. E aí, a família Bolsonaro resolveu filiar um dos seus lá, foi o motivo que eu precisava. Desde maio, eu sou um vereador sem partido." – GABRIEL AZEVEDO

"A ideia mais abstrata de partido é um grupo que atua na mesma linha ideológica e política. E isso é importante na hora de você escolher como vai fazer política. Tudo bem, você pode montar bancadas variadas de partidos variados, isso acontece, é uma possibilidade e é ótimo que aconteça. Mas se você não aglutinar [as pessoas] em grupos partidários, como seria? Porque, sim, existiu democracia antes dos partidos, mas na complexidade política que temos hoje, é possível você trabalhar absolutamente sem partido? Gostaria de ver acontecendo, mas eu entendo que, do jeito como é desenhado no Brasil, o sistema político atual não comporta tantas pessoas agindo de maneira individual." – KARIN VERVUURT

- Ponto de reflexão: em que medida as novas iniciativas de formação política priorizam a aprendizagem democrática?
 - Necessidade de superar a atual lógica de polarização para construir caminhos políticos mais positivos para o futuro.

"Hoje, no Brasil, a maior inovação é não aceitar que te coloquem numa caixa. É você falar: 'Eu posso fazer política, sim, sem estar num partido'. 'Eu posso defender esse ponto de vista mais à esquerda e esse mais à direita.' 'Eu posso sentar numa mesa para conversar sem ser só com as pessoas com quem eu concordo." – GABRIEL AZEVEDO

REFERÊNCIAS & MATERIAIS DE INTERESSE

- Acredito, movimento de renovação política suprapartidário e progressista, comprometido com justiça social e responsabilidade fiscal: <https://bit.ly/3BFCz6D>
- Agora!, movimento que busca qualificar o debate político por meio de políticas públicas baseadas em evidências: <https://bit.ly/3p5zfVg>
- Casas da Democracia, rede descentralizada de promoção da aprendizagem democrática permanente: <https://bit.ly/3r3CeFw>
- *Democracia, livros e praças*, iniciativa de Gabriel Azevedo e Augusto de Franco para a leitura de dez livros sobre política e seu debate em praças públicas de Belo Horizonte, em 2019: <https://bit.ly/3lg8Rru>
- *Desinformação nas redes sociais*, sistematização do debate promovido pelo Centro Ruth Cardoso com Letícia Cesarino e mediação de Francisco Brito Cruz (2021): <https://bit.ly/2YyKTpD>
- Elas no Poder, organização da sociedade civil que visa aumentar a participação das mulheres na política: <https://bit.ly/3v7VHZS>
- *Identity: The Demand for Dignity and the Politics of Resentment*, livro de Francis Fukuyama (2018)
- Im.pulsa, plataforma *on-line* desenvolvida por Elas no Poder e Instituto Update com conteúdos gratuitos em formação política para mulheres: <https://bit.ly/3lolWxT>
- Livres, movimento de renovação política liberal: <https://bit.ly/3kS6cuV>
- Rede de Ação Política pela Sustentabilidade (RAPS), iniciativa de formação de lideranças políticas: <https://bit.ly/3ARuJ93>
- *Religião e política – reunião 1*, sistematização do debate promovido pelo Centro Ruth Cardoso com João Luiz Moura, Luiza Camargo, Wesley Teixeira e mediação de Ana Cristina Braga Martes (2021): <https://bit.ly/3sRkyE2>

- *Religião e política – reunião 2*, sistematização do debate promovido pelo Centro Ruth Cardoso com Vinícius Lima, Viviane Costa e mediação de Lívia Reis (2021): <https://bit.ly/35gasR3>
- RenovaBR, escola de formação política: <https://bit.ly/3sgvyGt>